



GT 62. Novos conservadorismos, populismos e liberalismos: perspectivas etnográficas

Coordenador(es):

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Piero de Camargo Leirner (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

A presente década tem sido marcada pela ascensão de lideranças políticas representando a chamada extrema ou nova direita, alt-right, entre outras denominações. É o caso de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil. Esses atores têm realizado investidas no debate público, intensificando controvérsias e desafiando noções e categorias já canonizadas na epistemologia científica, política, social, filosófica e econômica, tais como “direitos” e “democracia”. Na literatura antropológica e de áreas afins, assim como na esfera pública mais ampla, esses processos têm sido abordados através das chaves analíticas dos “novos” conservadorismos, populismos e liberalismos, em autores como Jean e John Comaroff, Loic Wacquant, Wendy Brown, Melinda Cooper, Philip Mirowski, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Judith Butler, Veena Das, Achille Mbembe, Bruno Latour, Nancy Fraser. O GT pretende oferecer um fórum para discussão de pesquisas antropológicas que vêm abordando essa constelação a partir de múltiplos ângulos, incluindo, mas não se limitando a: novas direitas, bolsonarismo, lavajatismo, cultura neoliberal, intervencionismo militar, terraplanismo, comunicação e mídias digitais, movimentos sociais, novas formas de ativismos, conservadorismo religioso, fake news e pós-verdade. Procuramos preferencialmente trabalhos de cunho etnográfico realizados no Brasil, ou em perspectiva comparada, mas consideraremos também pesquisas de outras ordens, e realizadas em outros países.

Sobre a ?mestiçofobia?: políticas públicas étnico-raciais, multiculturalismo e populismo de direita

Autoria: Larisse Amaral Marajó (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

?Mestiçofobia? é uma categoria êmica utilizada pelo Nação Mestiça ou Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro, movimento social conservador que reivindica a etnia ?mestiça?, tem por objetivo promover a ?valorização da mestiçagem? e combater outros movimentos sociais que a contradizem, especialmente os movimentos negros e indígenas. Defensor, pois, da ideologia da mestiçagem, a organização pensa esses movimentos como agentes da divisão do povo e do território brasileiros. Ao mesmo tempo em que perseguem e contribuem para a criminalização dos movimentos sociais em geral, também utilizam uma linguagem muito semelhante à de seus adversários, desde a sua caracterização enquanto movimento civil à afirmação da etnia ?mestiça? ou ?caboca?. Ao praticar a ?canibalização?, pois, o NM parte do princípio de que o modus operandi de seus inimigos é eficaz e busca a mesma efetividade, mas para distorcer e/ou sabotar os instrumentos de reivindicação de outros grupos, como as políticas públicas étnico-raciais, seus maiores alvos. Seu mote é a igualdade da síntese e considera as cotas raciais, bem como as demarcações de terras indígenas e quilombos, instrumentos da ?divisão étnica?, surgidos como resultado da implantação no Brasil, pelos governos federais do Partido dos Trabalhadores, do ?Multiculturalismo?. O ?Multiculturalismo?, por sua vez, é definido como o domínio da desigualdade e da artificialidade, o plano de uma ?elite branca? interessada em ?dividir para dominar?. Dito isso, o PT, enquanto aplicador dessa ideologia no país, é frequentemente deslegitimado. O NM, no entanto, critica governos, não o Estado em si e isso é importante para entender a sua lealdade e a sua tentativa de afirmação étnica. Suas lealdades são o capitalismo, o Estado e, assim, a Modernidade, o que os leva à reprodução de um modo de lidar com o Outro pela ?integração? no Um, que iguala à eliminação desse Outro. Dito isso, argumento à luz da aplicação de políticas



multiculturalistas no Brasil e na Venezuela que estas não representam ameaça real ao Estado burguês, defendido pelo Movimento. A transformação do ?Multiculturalismo? em grande inimigo, então, se dá na adoção de um discurso baseado no populismo de direita, origem (evidenciada pela canibalização na cismogênese simétrica) e modo de propagação (especialmente na internet) do Nação Mestiça. Por fim, falo de como esse movimento social se apresenta como mediação em diversos âmbitos e considero que compreendê-las é compreender o papel do Estado moderno para ele e que isso pode ajudar em um maior entendimento dos populismos de direita, cujo modo de produzir e reproduzir informações se assemelha à construção e transformação dos mitos (inclusive os que fundam nações, como aquele das três raças).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: